

“Eu sou preta, penso e sinto assim”: história e psicanálise nas confluências teóricas de Beatriz Nascimento e Neusa Santos Souza

 /tempoeargumento

 @tempoeargumento

 @tempoeargumento



Mariléa de Almeida

Universidade de Brasília

Brasília, DF – BRASIL

lattes.cnpq.br/7690414229704018

marilea.almeida@unb.br



orcid.org/0000-0001-6015-3226



<http://dx.doi.org/10.5965/2175180317452025e0104>

Editores Responsáveis (Convidados):

Cláudia Mortari

Universidade do Estado de Santa Catarina

orcid.org/0000-0001-8006-006X

Marcello Felisberto Moraes de Assunção

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

orcid.org/0000-0001-6978-6564

Nelson Maldonado-Torres

University of Connecticut-Storrs

orcid.org/0000-0001-7738-7029

Recebido: 28/04/2025

Aprovado: 26/08/2025



“Eu sou preta, penso e sinto assim”: história e psicanálise nas confluências¹ teóricas de Beatriz Nascimento e Neusa Santos Souza

Resumo

Partindo das conexões entre história e psicanálise na obra da historiadora Beatriz Nascimento (1942-1995) e da psicanalista Neusa Santos Souza (1948-2008), este artigo pergunta de que forma essas articulações ofereceram aportes teórico-metodológicos para refletir sobre as camadas de complexidade que atravessam as subjetividades negras no contexto do racismo. Para tanto, o artigo orienta-se por dois eixos analíticos: o primeiro focaliza sobre as condições históricas das décadas de 1970 e 1980 que favoreceram as conexões entre história e psicanálise nos escritos de Beatriz Nascimento, bem como a publicação do livro *Tornar-se Negro*, da psicanalista Neusa Santos Souza; o segundo coloca em diálogo a produção dessas intelectuais, a fim de tornar visível a potencialidade que suas reflexões oferecem para construção de narrativas históricas. A saber, porque tornam visíveis as conexões entre relações de poder e circuitos afetivos latentes ou explícitos que atravessam a reprodução do racismo.

Palavras-chave: psicanálise; teoria da história; subjetividade; racismo.

“I am black, I think and feel this way”: history and psychoanalysis in the theoretical confluences of Beatriz Nascimento and Neusa Santos Souza

Abstract

Based on the connections between history and psychoanalysis in the work of historian Beatriz Nascimento (1942-1995) and psychoanalyst Neusa Santos Souza (1948-2008), this article asks how these articulations offered theoretical and methodological contributions to reflect on the layers of complexity that permeate black subjectivities in the context of racism. To this end, the article is guided by two analytical axes: the first focuses on the historical conditions of the 1970s and 1980s that favored the connections between history and psychoanalysis in the writings of Beatriz Nascimento, as well as the publication of the book *Becoming Black*, by psychoanalyst Neusa Santos Souza; the second puts the production of these intellectuals into dialogue, in order to make visible the potential that their reflections offer for the construction of historical narratives. Namely, because they make visible the connections between power relations and latent or explicit affective circuits that permeate the reproduction of racism.

Keywords: psychoanalysis; theory of history; subjectivity; racism.

¹ O uso do termo confluências neste trabalho inspira-se no trabalho do intelectual quilombola Antônio Bispo dos Santos (1959-2023), conhecido como Nego Bispo. O autor, valendo-se da imagem do rio que, ao encontrar-se com outro rio, alarga sua potência, considera a confluência como a energia que move para o compartilhamento. Nas palavras de Santos: “A confluência é uma força que rende, que aumenta, que amplia” (Santos, 2023, p. 15).

Introdução: racismo e subjetividade negra em questão

[...] raça e racismo fazem parte de processos centrais do inconsciente, relacionando-se com as vicissitudes do desejo humano – apetites, afetos, paixões e medos (Mbembe, 2014, p. 65).

A historiadora Beatriz Nascimento (1942-1995), no ensaio “Carta para Santa Catarina” (1990), escrito como desdobramento do lançamento do documentário *Ôrô*², percorreu os desafios que atravessavam as práticas de organização dos movimentos negros nas décadas de 1970 e 1980. No exercício de rememorar a atmosfera dos encontros, Nascimento considera que as reuniões expressavam uma “função catártica”, aglutinando diferentes tendências e gerações do movimento negro que “pela primeira vez na história transformavam-se em pulsões coletivas”. Por conta das diferentes expectativas sociais em torno da identidade negra, Beatriz sugere que parte do desafio daquela geração residiu também em lidar com aquilo que o racismo mobilizava em termos subjetivos e afetivos. Isso porque no seu dizer, raça é “um conceito carregado de atribuições inconscientes”, “marcado por ideias generalizantes, negadoras da humanidade africana e americana, ora tratando do geral para o particular e deste para aquele, necessitava de discussões e revisão” (Nascimento, 2021, p. 223-224).

Nesse percurso analítico, Nascimento descreve que à medida que a militância negra estava imbuída de tornar visíveis os agenciamentos negros silenciados pela história oficial, os encontros favoreceram que as pessoas acionassem “territórios do inconsciente mais recalcantes e mais frustrantes”. Situação que evocava em termos individuais e coletivos “experiências traumáticas” evidenciadas pelos seguintes acontecimentos: a transmigração africana (diáspora); a escravização e perseguição “contra os processos de autolibertação individual e coletiva”, o que inclui a “autonominação dos fetiches” materializada pela história oficial; a anomínia, relacionada à perda do nome

² Cartas para Santa Catarina foi escrito no contexto de uma série de eventos de divulgação do documentário *Ôrô*, lançado em 1989, dirigido por Rachel Gerber, roteirizado e narrado por Beatriz Nascimento. O filme articula a história dos movimentos negros no Brasil das décadas de 1970 e 1980 com as lutas dos quilombos como espaços de resistência, da África do século XV ao Brasil do século XX. Para mais detalhes, conferir: REIS, 2020.

familiar original e o embranquecimento das gerações posteriores; a pauperização expressa pela perda da propriedade e pela relação de dependência neocolonial do país (Nascimento, 2021, p. 223-224). Não por acaso, no seu entender, nos níveis individuais e coletivos, os embates durante as reuniões ocorriam no "terreno afetivo-verbal". Isso porque diante da constatação da ausência de narrativas históricas, contadas por uma perspectiva negra antirracista, exigia-se da militância um "esforço da memória histórica recalcada" (Nascimento, 2021, p. 225).

Assim, articulava-se o campo semântico da psicanálise sobre o trauma³ à tarefa da militância negra da época de problematizar os estereótipos racistas. Tratava-se, portanto, de uma ação política que possibilita a simbolização. De tal sorte que, ao mesmo tempo em que realiza o diagnóstico, ela sugere uma saída política quando defende a realização de uma “ecologia mental”, que passa por um “reflorestamento mental e afetivo”⁴. Nessa agenda, era urgente revisitar as experiências negras de organização coletiva, sobretudo os quilombos, que “possui possibilidades infinitas” para estimular “a veia artística, estética e poética” (Nascimento, 2021, p. 227).

Essa não seria a primeira vez que a historiadora faria uso da psicanálise para suas reflexões sobre as conexões entre racismo e modos de subjetivação⁵. Entre as décadas de 1970 e 1990, as marcas semânticas desse campo teórico estão dispersas em vários de seus textos, entrevistas e poemas⁶. À luz dessas

³ Apesar das transformações que sofreu na obra de Freud, o traumático, em linhas gerais, relaciona-se ao “acontecimento da vida do sujeito que se define pela sua intensidade, pela incapacidade em que o sujeito se encontra de reagir a ele de forma adequada”, provocando efeitos duradouros na organização psíquica. “Em termos econômicos”, diz respeito ao “afluxo de excitações que é excessivo em relação à tolerância do sujeito e à sua capacidade de dominar e de elaborar psiquicamente essas excitações”. Para mais detalhes, conferir: LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. *Vocabulário de psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2022.

⁴ Conforme pesquisador Alex Ratts, o termo “reflorestamento mental afetivo” foi usado por Pedro Paulo Lomba no texto Ypadê. Não foi possível durante a pesquisa para este artigo localizar o texto de Pedro Paulo Lomba. Conferir: Nascimento, 2021, p. 257.

⁵ O termo modos de subjetivação, inspirado pelas provações de Michel Foucault, diz respeito às práticas sociais que podem chegar a engendrar domínios de saber que não somente fazem aparecer novos objetos, novos conceitos, novas técnicas, mas também formas de sujeitos. Dessa maneira, os modos de subjetivação têm relação com a história e as práticas engendradas pelos sujeitos e sobre os sujeitos. Conferir: FOUCAULT, Michel. *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2003.

⁶ Entre as décadas de 1970 e 1990, as referências à psicanálise podem ser visualizadas em diversos trabalhos da historiadora. Em “*Por uma história do Homem negro*” (1974), utiliza a concepção de sujeito da psicanálise para problematizar a narrativa histórica. “*Daquilo que se chama cultura*”

materialidades, interrogo: Quais condições históricas favoreceram os usos da psicanálise por Beatriz Nascimento? De que modo, os usos da psicanálise exprimem a busca de uma geração de intelectuais ativistas por suporte epistemológico que colaborasse para responder sobre a reprodução do racismo em suas múltiplas camadas? Como os usos da psicanálise sugerem uma concepção de sujeito que impele o campo da teoria da história para a criação de abordagens que tornem visíveis as complexidades e ambivalências do racismo?

Nos últimos anos, o contexto de questionamentos da produção de conhecimento acadêmico⁷, caracterizado pela hegemonia da supremacia epistêmica branca, masculinista, heterossexual e majoritariamente oriunda do norte global favoreceu a ampliação de pesquisas sobre a abordagem teórica de Beatriz Nascimento. Esses trabalhos demonstram que a historiadora se alinha à tradição intelectual afrodiaspórica e feminista negra nos termos que marcaram o seu tempo, cujas produções se caracterizam pela articulação de diversas áreas do conhecimento e pressupostos teóricos a exemplo da teoria marxista, do pensamento panafricanista, da psicanálise, da produção intelectual negra estadunidense e do Caribe (Assunção; Trapp, 2021; Miranda, 2023; Petry, 2023; Reginaldo, 2018; Reis, 2020).

Cabe ressaltar a centralidade das redes afetivas, políticas e teóricas tecidas pela geração de intelectuais negras e negros nos contextos de 1970 e 1980 como uma das condições históricas do seu tempo para a percepção e o enfrentamento

(1985), a fim de analisar Palmares, como terra prometida, e Zumbi como herói guardião da cultura, a pesquisadora dialoga com o ensaio “*Totem e o Tabu*”, de Freud. Em “*Carta de Santa Catarina*” (1990), ao defender o existencial como instrumento de ação política, Nascimento (2018) mobiliza as noções de ego, superego e inconsciente. No ensaio “*Meu negro interno*” (1982) e na entrevista “*Maria Beatriz Nascimento: pesquisadora*” (1982), discute o racismo valendo-se de reflexões que foram provocadas pelo *setting* de sua terapia pessoal. Para leituras desses textos, conferir: Nascimento, 2018. Nos poemas “Se fosse real minha mente”, “Máscara”, “Surto final”, traz para a poética conceitos da psicanálise. A esse respeito, conferir: NASCIMENTO, Beatriz. *Todas (as) distâncias*: poemas, aforismos e ensaios de Beatriz Nascimento. Salvador: Editora Ogum’s Toque Negros, 2015.

⁷ Convém mencionar que o aumento da presença negra e indígena nas universidades públicas favoreceu o questionamento da hegemonia de epistemologias do norte global nas produções acadêmicas. A esse respeito, dois acontecimentos merecem destaque: a implementação do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) e a Lei nº 12.711/2012, conhecida como Lei das Cotas, sancionada em 2012, que prevê a reserva de 50% das vagas das universidades e Institutos Federais de Ensino Superior a estudantes de escolas públicas. Desse percentual, definem-se ainda regras para destinar vagas a alunos de baixa renda, pretos, pardos, indígenas e com deficiência.

do racismo. A esse respeito, colabora a pesquisa da historiadora Ana Flávia Magalhaes Pinto (2018, p. 26) sobre literatos negros no Brasil oitocentista, ao explicitar que aqueles homens “desenvolveram reflexões compartilhadas acerca do preconceito de cor em suas vidas e nas de tantas outras pessoas”. Essa abordagem colabora para questionar imagens de isolamento e excepcionalidade recorrentes na reprodução do racismo.

Nas décadas de 1970 e 1980, ativistas do movimento negro contemporâneo⁸, além de denunciarem o mito da democracia racial, empenhavam-se na problematização de uma concepção do sujeito negro corrente nas produções das Ciências Sociais e Humanas, favorecedoras da perpetuação de idealizações e dos estereótipos (Santos, 1985). Para tanto, articulavam e traduziam campos teóricos distintos que englobavam a produção negra da diáspora, marxismo, psicanálise, pensamento pan-africanista, bem como inspiravam-se nos agenciamentos do ativismo negro estadunidense e dos movimentos de descolonização da África, a exemplo das produções de Beatriz Nascimento (1942-1995) Eduardo de Oliveira e Oliveira (1923-1980), Lélia Gonzalez (1935-1994) e Neusa Santos Souza (1948-2008). Pesquisas sobre vida e obra da intelectualidade negra dessa geração têm demonstrado como ela estava atenta aos efeitos do racismo nas suas próprias subjetividades, demonstrando as atávicas conexões entre o pensar e o sentir nos seus agenciamentos teóricos (Miranda, 2021; Nasciutti, 2024; Rios; Ratts, 2010; Reginaldo, 2022; Reis; 2020; Trapp, 2020).

O que emerge desse compromisso político e existencial não é um quadro teórico homogêneo, mas produções sofisticadas cujas singularidades requisitam investigações adensadas. No caso de Beatriz Nascimento, essa postura possibilita “indisciplinar o cânone da história da historiografia” (Assunção; Trapp, 2021, p. 233), em que “a narrativa, a subjetividade e a crítica contra-colonial se articulam como partes da mesma operação” (Miranda, 2023, p. 106). Trata-se de um projeto que

⁸ Movimento negro contemporâneo é compreendido nos termos propostos pelo historiador Amílcar Araújo Pereira para definir o conjunto de organizações do ativismo negro que emergem na década de 1970, cujo foco da luta ancorava-se, sobretudo, no debate público contra o mito da democracia racial. Para mais informações, conferir: PEREIRA, Amílcar Araújo. *Mundo negro: relações raciais e a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas: FAPERJ, 2013.

busca “compreender o negro, sua história e identidade a partir de sua experiência diaspórica em um Brasil racista” (Reis, 2020, p. 11).

No rastro dessas pesquisas, a hipótese defendida neste artigo sobre as conexões que Beatriz Nascimento faz com a psicanálise, informa que a historiadora visualizou sua potencialidade para a compreensão de aspectos inconscientes na reprodução do racismo, bem como para qualificar as estratégias de superação. Não se trata de uma adesão sem críticas, já que Nascimento também questionou o viés racista e elitista que atravessava a escuta analítica. Nesse sentido, a psicanálise não será tomada como um “remédio milagroso ou uma senha mágica” (Gay, 1984, p. 83), mas com um dos diálogos que Beatriz articulou na construção de seus problemas e análises.

Dito isso, a fim de percorrer essas questões, o artigo está organizado por meio de dois eixos de análises. O primeiro focaliza as condições históricas das décadas de 1970 e 1980 que favoreceram as conexões entre história e psicanálise nos escritos de Beatriz Nascimento, bem como nos trabalhos de outros(as) intelectuais negros(as) da época. O segundo investiga a singularidade de suas reflexões sobre o racismo mobilizadas em diálogo com a psicanálise. Para tanto, serão articuladas suas reflexões às formulações teóricas da psicanalista Neusa Santos Souza descritas no livro *Tornar-se negro: Ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*, publicado em 1983.

Por que a psicanálise?

Diante da premissa de que para a História nada é natural, perguntamos: quais condições históricas favorecem a presença da psicanálise na obra de Beatriz Nascimento? Em diálogo com Michel Foucault (2007), condições de possibilidades históricas são definidas como uma rede de significados construídos nos discursos que caracterizam uma época nos diferentes domínios da sociedade, ou seja, uma *episteme* como o terreno onde se ancoram essas possibilidades de pensar e de enunciar. Segundo Foucault, os saberes que são produzidos em cada época não são naturais, mas sim frutos de suas condições históricas que englobam relações de poder e agenciamentos subjetivos (Foucault, 2007). No rastro dessa abordagem, sobre a presença da psicanálise na obra de

Beatriz Nascimento, dois aspectos merecem destaque: O primeiro diz respeito ao crescimento da psicanálise no Brasil nas décadas de 1970 e 1980, influenciando intelectuais das Ciências Humanas e Sociais; o segundo relaciona-se às demandas teóricas, políticas e subjetivas de intelectuais ativistas no movimento negro da época. Em especial, a busca por referenciais que tornassem visíveis as complexidades das experiências negras, para além de análises que reforçavam o exotismo, o extraordinário e a precariedade. Somada a isso, a crítica da tese sobre anomia do negro como agente histórico construída na chamada escola sociológica paulista⁹.

Sobre a presença da psicanálise no Brasil, colabora a pesquisadora Carmen Lucia Montechi Valladares de Oliveira (2002, p. 150), ao descrever que o processo foi marcado por algumas etapas, caracterizadas por “rupturas e modificações na forma de concebê-la e praticá-la”. Entre os anos de 1915-1937, foi o momento de recepção e difusão das ideias psicanalíticas; de 1938-1950, época de constituição das primeiras gerações de analistas. Também àquela época, destaca-se a presença da socióloga negra Virginia Bicudo, considerada a primeira psicanalista não médica no Brasil, atuando em diversas frentes para difusão da prática no Brasil¹⁰. Entre as décadas de 1950 e 1960, testemunha-se um processo de institucionalização da prática no Brasil nos moldes da International

⁹ O sociólogo Florestan Fernandes (1920-1995), no livro *A integração do Negro na sociedade de Classes* (1965), apresenta a formulação de que raça é uma variável importante na produção de desigualdade no Brasil. Em especial, o capítulo “Pauperização e anomia social” apresenta a tese que a dificuldade de integração do negro à sociedade de classe relaciona-se à escravidão, que, devido à ausência de regras, produziu uma espécie de anomia da agência negra (Fernandes, 2021). No caminho aberto por Fernandes, as pesquisas de intelectuais da USP como Fernando Henrique Cardoso, Maria Sylvia de Carvalho e José de Souza Martins integram o que convencionou-se chamar de escola sociológica paulista. No artigo “Por uma História do Homem Negro” (1974), Beatriz Nascimento, apesar de reconhecer a densidade da pesquisa empírica do livro *A integração do negro na sociedade de classes*, considera que a abordagem favorece a reprodução de estereótipos sobre as experiências negras (Nascimento, 2018, p. 42-56).

¹⁰ Para citar algumas ações: produziu textos que defendiam a função social do psicanalista; foi ativa na fundação da Sociedade de Psicanálise de Brasília; em 1944, quando a Sociedade Brasileira de Psicanálise foi reconhecida pela International Psychoanalytical Association (IPA), Bicudo ocupou o lugar de tesoureira; atuou na criação da Revista Brasileira de Psicanálise (RBP). Para mais informações, conferir: GOMES, Janáina Damasceno. *Os segredos de Virgínia: estudos de atitudes raciais em São Paulo. (1945-1955)*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, 2013; MAIO, Marcos Chor. *Educação sanitária, estudos de atitudes raciais e psicanálise na trajetória de Virgínia Leone Bicudo*. *Cadernos pagu*, [s. l.], n. 35, p. 309-355, 2010.

Psychoanalytical Association (IPA)¹¹. Esse momento caracteriza-se pela criação dos organismos de formação em São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre. Com efeito, foi a partir da década de 1970 que ocorreu a expansão da psicanálise para outras regiões do país, com o nascimento de escolas e tendências que não estavam associadas à IPA (Oliveira, 2002, p. 150-151).

Ainda Carmen Lucia Oliveira (2017, p. 81-83) afirma que este momento é caracterizado pelo forte investimento na clínica privada, ocorrendo a centralidade dos atendimentos clínicos para o “extrato social beneficiário do chamado milagre econômico”. Conforme detalha a pesquisadora, tratava-se de um público elitizado, intelectualizado e muitas vezes politizado. Essa politização, no seu entender, era efeito dos acontecimentos que eclodiram nos grandes centros urbanos e materializaram a chamada “revolução cultural” (Oliveira, 2017).

A propósito, nesse contexto, Beatriz Nascimento, que vivia no Rio de Janeiro, também se aproxima da psicanálise. É que o fica registrado em sua fala publicada, em 1982, no livro de Haroldo Costa *Fala Crioulo*:

Atualmente eu estou frequentando três analistas. Muita gente se admira quando digo isso, porque é raro ver-se negro em sessões de psicanálise, a condição econômica não lhe permite, em compensação não se pode esquecer que grande parte da comunidade negra está nos hospícios ou nos cárceres. Estou me analisando não é por diletantismo ou maluquice, talvez nem seja para consertar nada em mim, é possível que esteja para adaptar-me à dualidade que a sociedade me obriga aceitar, porque proíbe de ser como eu sou, da mesma forma como faz com muitos outros negros (Nascimento, 2018, p. 249-50).

Aproximando de uma tradição intelectual negra que remete a expoentes como Juliano Moreira¹², Nascimento destaca como as contradições da sociedade racista afetam a saúde mental da população negra. De sua fala, podemos

¹¹ Organização fundada, em 1910, em Nuremberg (Alemanha) por Freud e seus colaboradores com a finalidade de garantir o desenvolvimento da psicanálise como ciência, profissão e tratamento, bem como formalizar a formação do analista.

¹² Sobre pioneirismo negro no Brasil e as conexões entre saúde mental e as dinâmicas sociais, podemos citar: no século XIX, o psiquiatra negro Juliano Moreira, responsável pela primeira reforma psiquiátrica do Brasil, que refutava as teorias de degenerescência racial. No século XX, a socióloga e psicanalista Virgínia Bicudo defendia a correlação entre as motivações inconscientes e o campo social na reprodução do racismo. Para mais informações, conferir: DAVID *et alii*, 2021. Vale mencionar Frantz Fanon que, na década de 1950, critica uma abordagem psicanalítica desatenta às conexões entre o inconsciente e o social, especialmente por meio do debate que estabelece com o trabalho do psicanalista francês Dominique-Octave Mannoni (Fanon, 2008).

destacar dois aspectos: a intersecção de classe e raça nas (im)possibilidades de acesso à clínica “porque é raro ver-se negro em sessões de psicanálise”; a perspectiva de não tomar os constrangimentos emocionais causados pelo racismo como um problema meramente individual. A esse respeito, colabora Alex Ratts (2015, p. 128), que aponta como a historiadora, valendo-se de seus dilemas pessoais em torno dos transtornos psíquicos, “ousou correlacionar a dimensão psíquica ao cenário racial”. De igual sorte, Lélia Gonzalez, visualizou a potencialidade da psicanálise para refletir sobre o racismo. Uma aproximação que também se relaciona à sua análise pessoal. Em entrevista concebida para *O Pasquim*, em 1986, Gonzalez detalha:

Meu lance com a psicanálise foi muito interessante, a psicanálise me chamou a atenção para meus próprios mecanismos de racionalização, de esquecimento, de recalçamento etc. Foi inclusive a psicanálise que me ajudou neste processo de descobrimento da minha negritude (Gonzales, 1986 *apud* Ratts; Rios, 2010, p. 61).

Gonzalez descreve como a experiência terapêutica produziu deslocamentos na sua percepção sobre as dinâmicas inconscientes que atravessam a reprodução do racismo. Isso certamente ressoará nas suas análises teóricas. Em “*Racismo e sexismo na cultura brasileira*”, de 1984, Gonzalez realiza um diagnóstico original que, valendo-se do suporte epistemológico da psicanálise, define racismo como *neurose cultural brasileira*.

O lugar em que nos situamos determinará nossa interpretação sobre o duplo fenômeno do racismo e do sexismo. Para nós o racismo se constitui como a sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira. Nosso suporte epistemológico se dá a partir de Freud e Lacan, ou seja, da Psicanálise (Gonzalez, 1984, p. 225).

A respeito das análises de Gonzalez, o psicanalista Pedro Ambra (2020, p. 85-96) destaca que, levando-se em consideração sua escolha pela psicanálise, o termo lugar permite conceber que a “materialidade do sujeito não é biológica, mas linguística”. Na teoria lacaniana, o inconsciente é pensado funcionando como linguagem, articulando-se com a política e suas condições históricas de produção. Desse modo, a abordagem de Lélia Gonzalez evoca a “descontinuidade e contradições da linguagem” para explicitar os mecanismos que a cultura brasileira quer recalcar. Nesse percurso, analisa-se a ambivalência da sociedade brasileira

cindida pelo seu desejo de embranquecimento, mas marcada culturalmente pela presença negra. Desse modo, o mito da democracia racial exprime uma espécie de *racismo* por *denegação*: o que é negado pela consciência expressa-se pela linguagem no pretuguês (Gonzalez, 1984, 2020)¹³, bem como pelas manifestações dos afetos recalcados. Ao focalizar as experiências das mulheres negras, representadas no imaginário social nas figuras da mulata, doméstica e mãe preta, Gonzalez informa que "nem suas experiências na militância, nem as perspectivas sociais e econômicas das relações raciais davam conta de um incômodo". Assim, ela sentia necessidade de aprofundar a reflexão, mas não contava com ferramentas adequadas. Por conta disso, o uso da psicanálise como suporte epistemológico serve "para questionar crenças, denunciar falsas neutralidades teóricas e discutir frontalmente o lugar de quem fala como implicado" (Ambra, 2020, p. 85-96).

Outro intelectual ativista empenhado em construir aportes epistemológicos que pudessem alargar as concepções teóricas sobre a história do negro e das relações raciais vigentes nas décadas de 1970 e 1980, foi o sociólogo Eduardo de Oliveira e Oliveira. Conforme o historiador Raphael Petry Trapp (2020, p. 123-125), Oliveira e Oliveira, a fim de percorrer questões em torno da ontologia do ser negro, realizou críticas e interlocuções com muitos lugares como a escola de sociologia paulista, os movimentos negros brasileiros, bem como referências do African American Studies dos Estados Unidos. Nesse percurso, no desenvolvimento de sua pesquisa de doutorado¹⁴, em diálogo com seu orientador Ruy Coelho por meio da sociopsicologia, Oliveira e Oliveira incorporou o Teste Rorschach, método projetivo que utiliza elementos pictóricos para avaliação psicológica e subjetiva de indivíduos. Desenvolvido pelo psiquiatra e psicanalista suíço Hermann Rorschach (1884-1922), o teste foi utilizado por Oliveira e Oliveira para apreender a estrutura psicológica e comportamentos, latentes ou manifestos, dos indivíduos negros nas relações do convívio inter-racial (Trapp, 2020, p. 123). Assim detalha Trapp:

¹³ Termo criado por Lélia Gonzalez para referir-se à influência da língua africana no português do Brasil.

¹⁴ Para mais detalhes sobre percurso de pesquisa de Eduardo Oliveira e Oliveira, consultar: TRAPP, 2020.

O Teste de Rorschach avaliaria o dinamismo da personalidade negra no âmbito dos processos interculturais e inter-raciais, de um ponto de vista intrapsíquico, mas também dinâmico. O autor queria compreender o negro no sistema social e “no momento presente, ademais de suas características neuróticas e psicóticas”, além dos elementos culturais capazes de servir de meio adaptativo e de como a cultura popular poderia provocar um “stress” no grupo negro em São Paulo. O stress (pressão) seria o momento em que a “cultura pressiona um indivíduo que então defensivamente, com um tipo de alarme ou com sentimentos desagradáveis” (Trapp, 2020, p. 125-126).

Para além dos resultados da pesquisa, é plausível sugerir que o uso de uma ferramenta metodológica oriunda do campo *psi*, alinha-se ao interesse de Oliveira e Oliveira de “buscar sua identidade como Ser” (Oliveira, 1974 *apud* Trapp, 2020, p. 127).

Valendo-se igualmente da psicanálise para refletir sobre cultura e identidade negra, em 1985, Beatriz Nascimento, no ensaio “*Daquilo que se chama cultura*”, publicado na *Revista IDE*, da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo¹⁵, ela recorre ao ensaio “Moisés e o monoteísmo”, de Freud, para refletir sobre sua pesquisa sobre os quilombos que estava em curso:

No ensaio Moisés e o monoteísmo, Freud arrisca-se adentrar num campo, se não estranho, surpreendente. No decorrer da leitura desse texto, chama-nos atenção, de nosso prisma leigo, que um psicanalista, concebido como interessado mormente na problemática individual, envereda pela trajetória mítico-religiosa da comunidade à qual pertencia. [...] interessa-nos apurar até que ponto o ensaio Moisés e o monoteísmo poderia ser considerado produto da crítica da identidade pessoal e cultural do autor. Como poderíamos compreender seu interesse pela análise do herói civilizador enquanto componente psicossocial de um grupo contestado e perseguido? (Nascimento, 2021, p. 215).

Tratando-se dos conteúdos explicitados no texto, a autora mobiliza um amplo repertório da psicanálise, perguntando qual é o papel do herói para povos que sofreram pela discriminação. Notemos que Beatriz interroga sobre a relação entre a identidade de Freud, de ascendência judia, e o interesse da sua pesquisa.

¹⁵ De acordo com o inventário da coleção Maria Beatriz Nascimento, organizado pelo pesquisador Wagner Vinhas, em 01/09/1985, Beatriz Nascimento recebeu da Sociedade Brasileira de Psicanálise (SP) uma carta com sugestões à reformulação deste artigo enviado para a revista. Em 01/11/1985, por meio de carta, a SBP (SP) comunica a publicação do artigo de Maria Beatriz Nascimento, na edição n. 12, de 1985, da Revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. Para maiores detalhes, conferir: VINHAS, Wagner. *Inventário analítico da coleção Maria Beatriz do Nascimento*. Salvador: EDFIBA, 2023.

Seu foco está na forma com que o interesse individual expressa uma necessidade psicossocial. Cabe ressaltar que, à época, ativistas negras e negros tinham suas pesquisas desqualificadas como sendo demasiadamente subjetivas. Desse modo, parece plausível que o questionamento de Nascimento esteja alinhado a uma demanda teórica e política do seu tempo. Um exemplo a esse respeito foi narrado pela pesquisa do historiador Raphael Trapp sobre Eduardo de Oliveira e Oliveira. Em 1975, durante um debate na UNICAMP, quando Oliveira atuava como debatedor de um texto apresentado pelo economista e historiador Antônio Barros de Castro, no seminário “Conferência sobre História e Ciências Sociais”, ele disparou:

O Prof. Castro pode acusar-nos de subjetivismo. Nós temos o defeito de, para tudo o que lemos sobre negros, fazemos sempre a mesma pergunta: o que isto me explica? O que isto nos explicita? (Oliveira, 1974 *apud* Trapp, 2018, p. 168).

Levando-se em consideração as conexões entre o vivido e a produção de conhecimento, essa geração de intelectuais negros e negras, diante dos efeitos do racismo nas suas próprias subjetividades, tinha a percepção de que uma única abordagem teórica, em especial o marxismo acadêmico, não oferecia lentes analíticas suficientes para explicar a complexidade do racismo e das relações raciais no Brasil. Essa constatação e articulação de diversos suportes epistemológicos em suas pesquisas favoreceu que suas análises fossem descredenciadas como demasiadamente ecléticas nos círculos acadêmicos hegemonicamente ocupados por pessoas brancas (Miranda, 2021; Petry, 2018; Reis, 2020; Rios; Ratts, 2010). Subjetivismo e ecletismo teórico, eufemismos de como o *racismo acadêmico*¹⁶ se expressava naquele período.

Retornando ao ensaio de Nascimento de 1985, ela justifica a aproximação com a perspectiva freudiana por considerar a potencialidade da função simbólica

¹⁶ O racismo acadêmico diz respeito a uma relação de poder que exprime as atávicas conexões entre saber e poder, cuja reprodução é, em parte, garantida por uma espécie de socialização que implica o aprendizado de silenciar as manifestações do racismo no cotidiano e nas relações interpessoais. No Brasil, esse dispositivo materializa-se pelas escolhas epistemológicas, pela inexistência de um corpo discente e docente diverso em termos raciais e pela criação de entraves meritocráticos/burocráticos/financeiros que dificultam o acesso e/ou a permanência de pessoas negras e indígenas nos espaços acadêmicos. Para mais detalhes, conferir: ALMEIDA, Mariléa de. Racismo acadêmico e seus afetos. *História: Questões & Debates*, [s. l.], v. 69, n. 2, p. 96-109, 2021.

desempenhada pelo “Moisés freudiano” para refletir sobre a figura mítica de Zumbi dos Palmares, como símbolo aglutinador de uma identidade negra coletiva. Para além da concordância com a análise de Nascimento, essa correlação sugere uma percepção de como esse diálogo serve para pensar o lugar das dinâmicas psicossociais nos processos históricos e coletivos, conforme detalhou:

Cremos que possamos transpor essa reflexão para o Brasil dos anos 1970, momento histórico da instalação da luta negra pela entronização de um herói na dinâmica conceitual de suas vidas. Esse movimento ainda incompreendido em sua função agregadora de uma identidade cultural brasileira, propôs lutar contra o racismo. Nesse sentido, a pesquisa, a procura de um herói civilizador e legitimador da luta, foi de importância crucial. Esse herói configurou-se na figura de Zumbi dos Palmares. Dentre o número reduzido de pessoas interessadas na cultura negra, ninguém enfocou o fenômeno “Quilombo/ Zumbi dos Palmares” em seus aspectos psicológicos: a necessidade da ênfase na figura do herói (Nascimento, 2021, 215).

Se, por um lado, Nascimento visualizou a potencialidade teórica da psicanálise para pensar cultura, por outro, estava atenta aos limites de como a prática expressava-se na escuta clínica, exercida majoritariamente por pessoas brancas dos estratos mais privilegiados da sociedade. Desse modo, confrontou estereótipos racistas presentes na intervenção do seu próprio analista:

É uma coisa que discuto muito com meu analista. Ele sempre me diz que gosta muito de negro, que vai comer angu no subúrbio e que esse negócio de pensar que negro é inferior está dentro de mim. Eu digo para ele que não, que a inferiorização do negro é uma coisa que sou levada a vivenciar a todo momento e isso me empurra muitas vezes a brigar, agredir as pessoas ou faz com que eu me recolha para dentro de uma casca. [...] tentam nos confinar como sambistas e a gente está querendo outra coisa, tem outras ambições e propósitos (Nascimento, 2018, p. 250).

Valendo-se de uma flagrante intervenção de cunho paternalista e racista, o analista desqualifica a queixa de Nascimento sobre seu sentimento de inferioridade causado pelo racismo. No entender do analista, a inferiorização é algo produzido apenas pela mente da historiadora, já que ele não observa no plano social a queixa endereçada por ela quando ele mesmo “vai comer angu no subúrbio”. Trata-se de uma postura que desconsidera a interação entre processos sociais e o sofrimento psíquico que produz efeitos de realidade e na realidade. Percebendo a violência dessa abordagem, Nascimento desloca seu analista da

posição do sujeito suposto saber¹⁷, indicando que sua relação com a prática da psicanálise não é uma adesão acrítica sobre seus limites e contradições.

Do ponto de vista clínico e social, contribui a psicanalista Jô Gondar (2012, p. 200), que, valendo-se da teoria do trauma proposta por Sandor Ferenczi¹⁸, detalha que o reconhecimento é uma “necessidade vital que possui todo indivíduo de ser visto, ouvido, aprovado e respeitado pelas pessoas que o cercam”. Desse modo, o não reconhecimento da realidade psíquica do trauma exerce a função de desmentido:

Por desmentido entenda-se o não-reconhecimento e a não-validação perceptiva e afetiva da violência sofrida. Trata-se de um descrédito da percepção, do sofrimento e da própria condição de sujeito daquele que vivenciou o trauma. Portanto, o que se desmente não é o evento, mas o sujeito (Gondar, 2012, p. 196).

Levando-se em consideração a centralidade da nomeação para os deslocamentos afetivos de eventos traumáticos, é plausível dizer que a persistência do desmentido nos planos individual e coletivo produz efeitos devastadores no psiquismo de pessoas negras. Parte de intelectuais ativistas dos movimentos negros das décadas de 1970 e 1980 estava atenta sobre essa conexão. Desse modo, *Tornar-se negro ou as vicissitudes do negro em ascensão social*, da psicanalista negra Neusa Santos Souza, representou um marco histórico, político e teórico para aquela geração. Com efeito, ao articular dinâmicas sociais à abordagem da psicanálise lacaniana, analisando os processos de subjetivação de pessoas negras em ascensão social, o livro permite visualizar que o racismo não pode ser compreendido apenas como um epifenômeno da assimetria de classe. A obra, desse modo, alinhava-se à denúncia do mito da

¹⁷ O sujeito suposto saber conceito, criado pelo psicanalista Jacques Lacan (1901-1981), refere-se à posição do/a analista em relação ao analisando/a. Por meio dessa abordagem posicional, o sujeito não é um dado, mas diz respeito à posição discursiva que ocupa. Em linhas gerais, na relação de transferência, o/a analisando/a supõe que o/a analista possui o saber sobre ele/a que a própria pessoa desconhece. Para mais informações, conferir: TORRES, Ronaldo. Problemas cruciais para a formação do analista na atualidade: o sujeito suposto saber em questão. *Stylus*, Rio de Janeiro, n. 33, p. 11-23, nov. 2016.

¹⁸ Na teoria do trauma de Sándor Ferenczi (1873-1933), o processo ocorre em dois momentos. O primeiro diz respeito à relação da criança com os adultos, isto é, aos acontecimentos que ocorrem entre eles; o segundo diz respeito aos processos de defesa construídos pela criança para lidar com as consequências desastrosas de sua relação estabelecida com os adultos. O desmentido diz respeito à recusa, por parte dos adultos, de reconhecer o evento traumático quando é enunciado pela criança (Câmara, 2021).

democracia racial, oferecendo subsídios teóricos que tornavam visíveis os efeitos do racismo no campo da subjetividade e da emocionalidade (Nasciutti, 2024). Logo na introdução, Souza apresenta duas justificativas para a publicação da obra: uma histórica e outra de caráter emocional:

A justificativa histórica deste trabalho se fundamenta na constatação inequívoca da precariedade, no Brasil, de estudos sobre a vida emocional dos negros e da absoluta ausência de um discurso, nesse nível, elaborado pelo negro acerca de si mesmo. A outra justificativa, presença insólita ou grande ausente nos trabalhos acadêmicos, é de caráter emocional (Souza, 2021, p. 45-46).

Ainda que Santos Souza evoque a “absoluta ausência” de “estudos sobre a vida emocional dos negros, ela não foi a primeira psicanalista negra a focalizar análises sobre os efeitos psicossociais do racismo para pessoas negras no contexto de mobilidade social, a exemplo de Virginia Leone Bicudo (Bicudo, 1945). A ausência¹⁹ de Bicudo no livro de Neusa Santos Souza e nos estudos raciais da década de 1970 e 1980 materializa como a relação saber-poder expressa-se na circulação da produção intelectual negra no mercado editorial da época (Nasciutti, 2024).

De todo modo, para dar a medida dos efeitos do lançamento de *Tornar-se Negro*, recorro à pesquisa de Luiza Freire Nasciutti, que entrevistou lideranças do movimento que estiveram presentes no Instituto de Pesquisa e Culturas Negras em março de 1983, por ocasião do lançamento para o ativismo negro da época. Entre essas, destaco trechos de entrevistas que Amauri Mendes Pereira, Aderaldo Moreira dos Santos e Cecília Luiz Oliveira, à época integrantes da Sociedade de Intercâmbio Brasil-África (SINBA), concederam à pesquisadora:

Ela disse isso, que queria lançar o livro no IPCN. E foi lá. Foi lá. E juntou muita gente [...] era muito mesmo, porque ainda era uma grande novidade. [...] o livro todo mundo leu rápido, porque lançou, vendeu rápido, não tinha PDF, você tinha que comprar mesmo. A leitura foi muito rápida, porque era uma militância muito ávida. Não tinha essa oferta que tem hoje (Pereira, 2022 *apud* Nasciutti, 2024, p. 298).

¹⁹ A produção intelectual de Virgínia Bicudo recebe circulação ampliada somente nos anos 2000, especialmente com a publicação de sua dissertação no formato de livro organizado pelo pesquisador Marco Chôr Maio. Destaca-se, ainda, em 2013, a tese da pesquisadora Janaina Damasceno Gomes intitulada: *Os Segredos de Virgínia: Estudo de Atitudes Raciais em São Paulo (1945-1955)*, trabalho defendido no Departamento de Antropologia Social da USP.

Naquele momento, da década de 1980, o que eu me lembro bem é, primeiro, do lançamento, que foi um marco, e, depois, a repercussão em torno dos temas que ela trouxe. Mas de qualquer forma, a temática que ela traz era um pouco a temática da nossa geração, daquele período, da época de 80 (Santos, 2022 *apud* Nasciutti, 2024, p. 298-299).

Eu sei que fiquei muito feliz de conhecê-la, por conta da importância dela pra gente se compreender, se autocompreender. O livro nos ajuda a entender essa história de luta numa perspectiva não só política, mas também uma perspectiva do indivíduo, da dificuldade do indivíduo, psicológica. Então, foi uma alegria muito grande conhecê-la e recebê-la lá no IPCN. Eu fiquei muito feliz (Oliveira 2022 *apud* Nasciutti, 2024, p. 299).

No exercício de memória que essas falas representam, o livro foi recebido e estudado com entusiasmo e avidez pela militância negra, suprimindo a necessidade da nomeação dos efeitos do racismo em termos emocionais. Conforme Aderaldo Moreira descreve, “a temática que ela traz era um pouco a temática da nossa geração”. Esse aspecto também é destacado por Cecília Luiz: “por conta da importância dela pra gente se compreender, se autocompreender”. Ela ainda acrescenta a relevância para “a história de luta numa perspectiva não só política, mas também uma perspectiva do indivíduo, da dificuldade do indivíduo, psicológica”. Sua fala sugere que o interesse da militância negra pelo livro também estava relacionado à constatação de que as demandas da luta antirracista, em um país que nega sua existência, causavam prejuízos psicológicos para muitas pessoas do ativismo. A esse respeito, pesquisas apontam como essa geração estava atenta aos efeitos do racismo nas suas próprias subjetividades. Beatriz Nascimento, em 1982, explicita esse aspecto que muitas vezes era silenciado:

A luta do negro não está fácil no Brasil, está levando muita gente ao hospício e eu sei disso. No ano passado eu tive que tirar do hospital mais de uma pessoa do Movimento Negro. O Eduardo de Oliveira e Oliveira é um exemplo típico. Uma pessoa incrível, sabendo posicionar todas as coisas com clareza e precisão, foi um dividido entre a função cômoda de um professor universitário e um militante de tempo integral. Acabou ficando isolado dez dias em casa, ninguém o procurou e ele, que já estava com problemas mentais, morreu de fome, de abandono (Nascimento, 2018, p. 50).

No período de efervescência político-cultural dos movimentos negros contemporâneos, Beatriz Nascimento e Eduardo de Oliveira e Oliveira construíram uma estreita relação de interlocução e trabalho, o que favoreceu a criação de

laços e vínculos entre eles (Trapp, 2025). Ao rememorar o episódio de depressão sofrido pelo amigo, Nascimento evidencia que não se tratava de um caso isolado, ou seja, um problema individual, mas informa sobre as condições sociais de sua produção e os efeitos para a militância negra. Aqui, colabora a psicanalista Isildinha Baptista Nogueira, defendendo que, apesar de ser importante, a consciência histórica não livra as pessoas do sofrimento.

Na situação atual, o negro pode ser consciente de sua condição e das implicações histórico-políticas do racismo, mas isso não impede que ele seja afetado pelas marcas que a realidade sociocultural do racismo que deixou inscritas em sua psique (Nogueira, 2021, p. 34).

A abordagem proposta por Nogueira considera pensar os efeitos do racismo em termos dialéticos. O que indica ir além da pura e simples introjeção ou consequência determinada pelo lugar de inferioridade econômica e social. Por meio dessa abordagem, presume-se que o racismo afeta as pessoas negras no plano sociológico e psíquico de forma intercambiáveis.

Interpelações sobre subjetividade e o racismo nas reflexões de Beatriz Nascimento e Neusa Santos Souza

Beatriz Nascimento, como outras pessoas da militância negra de sua época, destacou a relevância da abordagem do *Tornar-se Negra*. Na década de 1990, em um texto produzido durante a realização de seu mestrado em Comunicação Social na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), ela faz referência ao livro como um trabalho que colabora para problematizar a concepção de natureza racial negra:

Haveria uma natureza negra? Uma natureza racial? Há uma natureza que possa aderir à cor da pele, como se adere a uma ideia, partido político, sindicato ou qualquer aparelho de Estado? Haverá espaço hoje, espaço para tamanha aberração, para tal represamento de fluxos? Pensar como tal seria negar o princípio antropológico das trocas culturais. Isto remete-me a um trabalho de Neusa Santos Souza, publicado em seu livro com o título *Tornar-se negro*. (É um estudo da psiquiatria, cuja tese central apontava para ascensão social dos negros, e o chamado embranquecimento/perda de uma raiz negra, eram resultado de um ideal do ego branco. Naqueles anos (1980-1984) havia um pensamento nas diversas disciplinas humanas, uma rejeição a pensar qualquer potencialidade de mudança social que partisse de

uma análise do indivíduo. Privilegiava-se o papel das massas colonizadas ou despossuídas de bem-estar como única forma e possível máquina-de-mudança por se constituírem no social (Nascimento, 2018, p. 423-424).

Retomando a problemática da identidade negra²⁰, Beatriz Nascimento evoca *Tornar-se Negro*, como um trabalho que favorece pensar o social partindo do indivíduo. Apesar da presença do termo indivíduo evocar unidade estável e separação com o social, a análise atenta às reflexões de Beatriz Nascimento sugere que suas problematizações sobre o indivíduo negro questionam as condições históricas de sua produção, bem como descreve as subjetividades negras como cindidas e ambivalentes. Nesse sentido, Nascimento ressalta a pesquisa de Santos Souza, que, valendo-se de relatos individuais de pessoas negras em ascensão social da época, destaca que não há uma “natureza negra” fora da cultura e que neste caso a cultura é construída pela valorização do “ideal de ego branco”. Nas encruzilhadas entre história e psicanálise, as reflexões de Neusa e Beatriz se encontram. A questão que se coloca sobre a interlocução entre a história e a psicanálise é: Como estabelecer um diálogo teórico-metodológico sem resvalar para análises psicologizantes e simplificadoras?

A esse respeito, colabora o historiador Peter Gay, no livro *Freud para historiadores* (1985), publicado no Brasil em 1989, que considera que os usos da psicanálise pela prática historiográfica são possíveis “após o reconhecimento do historiador pelo que a psicanálise tem de potencial para explicar o comportamento grupal e a interação contínua entre mundo e a mente” (Gay, 1989, p. 22-23). Na sua acepção, a psicanálise não é uma prática a-histórica e a história não é igualmente hostil aos dilemas humanos que incluem as dimensões emocionais e íntimas (Gay, 1984, p. 22-23).

De tal sorte, Gay sugere que há mais convergências entre as duas práticas do que os próprios historiadores/as costumam admitir. Para as finalidades da análise deste artigo, destaco: as teorizações resultam de um compromisso com

²⁰ A problemática sobre o que é o negro foi abordada por Beatriz Nascimento ao longo de sua trajetória, sofrendo transformações no percurso. Para citar alguns textos: “Por uma história do homem negro” (1974); “Negro e o racismo” (1974); “O negro visto por ele mesmo” (1976); “A sociologia do exótico” (1978) “Meu negro interno” (1982); “Por um território (Novo) existencial e físico” (Década de 1990). Para a leitura completa dos textos, consulte: Nascimento, 2018.

a pesquisa empírica, já que as (re)formulações teóricas ocorrem por meio de questões advindas da materialidade oferecidas pelas fontes (história) e pela observação clínica (psicanálise) (Gay, 1984, p. 33-49); a preocupação de acompanhar as transformações humanas presentes nas duas práticas, sugerindo que as subjetividades não são estáticas (Gay, 1984, p. 25-43); a descoberta de que as emoções privadas estão investidas na vida pública (Gay, 1984, p. 129-139); história e a psicanálise são “ciências da memória”, ambas preocupadas em elucidar os não ditos, destacando que lembrar e esquecer fazem parte de escolhas do presente (Gay, 1984, 167).

Nessa linha de análise, Gay (1984, p. 25) sugere que o “historiador profissional tem sido sempre um psicólogo - psicólogo amador”. Isso porque “saiba isso ou não, ele opera com uma teoria sobre a natureza humana”, atribuindo motivos, “estudando paixões, analisando irracionalidades”. É certo que a história não pode ter pretensão de psicanalisar os mortos, mas que essa interlocução, conforme pesquisas recentes na história demonstram²¹, pode favorecer narrar as camadas de complexidades que atravessam os agenciamentos humanos na sua relação com o tempo. Valendo-se dessas provocações, é plausível considerar que a aproximação das reflexões da historiadora Beatriz Nascimento e da psicanalista Neusa Santos Souza tem a potencialidade de oferecer subsídios teóricos que permitam narrar as camadas de complexidade que atravessam as experiências negras. Em conjunto seus agenciamentos teóricos, conforme a historiadora Fernanda Oliveira da Silva (2024, p. 17), “borram as fronteiras disciplinares”.

²¹ Para citar alguns trabalhos recentes no campo da História que tecem a interlocução entre história e psicanálise, destaco o livro *Couro Imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial*, da historiadora zimbabuense-sul-africana Anne McClintock. Valendo-se de uma temporalidade de longa duração, que cobre a Grã-Bretanha vitoriana e a luta pelo poder na África do Sul, a autora articula relações entre raça, sexualidade, fetichismo e dinheiro, gênero e violência, domesticidade e mercado imperial. Para mais detalhes, conferir: McClintock, 2010. No Brasil, no campo da teoria da história, destacam-se os livros: *História e psicanálise: a construção da realidade* (2012) da historiadora Clara de Góes e *Lacan para historiadores* (2018) de Danieli Machado Bezerra. Para mais detalhes, conferir: GÓES, Clara de. *História e psicanálise: a construção da realidade*. Rio de Janeiro: Garamond, 2012; BEZERRA, Daniele Machado. *Lacan para historiadores*. Curitiba: Appris, 2018. Cabe ainda citar o dossiê sobre história e psicanálise publicado em 2021, pela revista Teoria de Teoria da História (UFG). Para mais detalhes, conferir OLIVEIRA VILELA, A. L.; DE SOUZA FREDRIGO, F.; COSTA BRAGA, S. Dossiê história e psicanálise: apresentação. *Revista de Teoria da História*, Goiânia, v. 23, n. 2, p. 7-10, 2021.

Em 1974, no artigo “Por uma história do homem negro,” Beatriz Nascimento interpela como as narrativas abordavam as experiências negras, tomando-as como objeto de estudos por meio de vieses etnográficos, religiosos e socioeconômicos. No entender da historiadora, essas abordagens, frutos da fragmentação de pesquisas nas Ciências Humanas, materializadas pelos recém-formados programas de pós-graduação em história, sociologia e antropologia, no Centro-Sul e Sudeste, reforçavam estereótipos racistas. “Quem somos nós, pretos²², humanamente?” é a pergunta que sumariza seu interesse de pesquisa: produzir narrativas que permitissem a visualização da diferença da experiência negra frente a trajetórias de outras coletividades, tais como os “índios²³”, “nordestinos pobres”, “brancos pobres”, “povo judeu” (Nascimento, 2018, p. 44). Suas indagações sugerem aquilo que Foucault (2009, p. 234) definiu como “lutas que questionam o estatuto do indivíduo”, “cujas batalhas não são contra ou a favor do indivíduo, mas contra a deformação e as representações mistificadoras”. Essa crítica é realizada por Beatriz Nascimento sobre as experiências negras na produção de conhecimento como “seres primitivos”, “expressão artística da sociedade brasileira”, “classe economicamente rebaixada”. Desse modo, Nascimento qualifica que as singularidades estavam sendo invisibilizadas: “Não será possível que tenhamos características próprias, não só em termos ‘culturais’, sociais, mas em termos humanos? Individuais? Creio que sim. Eu sou preta, penso e sinto assim” (Nascimento, 2021, p. 40).

Numa visada superficial, a frase “Eu sou preta, penso e sinto assim” pode soar como uma posição essencialista de sujeito, mas ao percorrermos as camadas de análises que Beatriz Nascimento apresenta ao longo do texto, articulando o campo semântico da psicanálise, percebemos que é evocada uma noção de sujeito que, alinhada com a psicanálise, é pensada em termos

²² Ao longo do artigo “Por uma história do homem negro” as palavras “negro” e “preto” são usadas por Nascimento para tratar das experiências negras como um todo. Desse modo, o uso do termo preto não sugere a distinção contemporânea de que população negra é composta de pretos e pardos.

²³ Nos últimos anos, intelectuais indígenas problematizam o uso do termo “índio” por conta de sua conotação preconceituosa e genérica, optando-se, portanto, pelo termo “povos indígenas”, que indica a diversidade étnica dos povos originários. Na década de 1970, quando Beatriz Nascimento escreve seu texto, essa discussão não estava difundida no debate público e acadêmico. Para mais detalhes, consultar o trabalho do pesquisador indígena Gersen Baniwa (Santos, 2006).

relacionais, sem hierarquizações entre o pensar e o sentir, cujos afetos²⁴ e os agenciamentos são mobilizados por motivações inconscientes. Trata-se de uma perspectiva teórica que rasura a concepção moderna de indivíduo, tomado como uma instância unificada, regido pela razão (Torezan; Aguiar, 2011).

Ainda sobre a perspectiva de sujeito para a psicanálise, a psicanalista Isildinha Baptista Nogueira, valendo-se da abordagem lacaniana, define a categoria como uma estrutura marcada pela descontinuidade entre consciência e inconsciente, o que implica que a dimensão inconsciente escapa à consciência e "aos processos cognitivos-reflexivos que lhe são próprios". Nessa abordagem, o racismo é pensado em termos relacionais, pois se inscreve tanto para os brancos quanto para os negros. É esse processo que favorece que os conteúdos inconscientes ligados ao racismo persistam, independentemente da consciência social do sujeito (Nogueira, 2021, p. 77). Angulada por essa perspectiva, no artigo de 1974, Beatriz Nascimento qualifica que a narrativa histórica precisa ser escrita por pessoas negras, qualificando o como desse fazer:

Devemos fazer a nossa história, buscando nós mesmos, jogando nosso inconsciente, nossas frustrações, nossos complexos, estudando-os, não os negando. Só assim poderemos nos entender e nos fazermos aceitar como somos, antes de mais nada pretos, brasileiros, sem sermos confundidos com americanos ou africanos, pois a nossa história é outra, como nossa problemática (Nascimento, 2021, p. 45).

Notemos que Beatriz Nascimento, além de reivindicar que a história seja escrita por pessoas negras, também provoca como essa precisa ser escrita ao dizer “buscando nós mesmos, jogando nosso inconsciente, nossas frustrações, nossos complexos, estudando-os, não os negando”. Trata-se de uma posição teórica sobre a subjetividade negra que não basta deslocar-se da semântica da precariedade para a romantização, é preciso narrar ambivalências que complexificam e singularizam a experiência negra frente a outros grupos. Aqui,

²⁴ A noção de afeto que inspira este artigo dialoga com a abordagem do filósofo Baruch Spinoza, tomado afetos como “as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e, ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções”. Deleuze, seguindo Spinoza, diz que afetos não “são sentimentos, são devires que transbordam aquele que passa por eles (tornando-se outro). Para mais detalhes, conferir: SPINOZA, Baruch. *A origem e a natureza dos afetos*. //r: ÉTICA. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013, p. 156- 259; DELEUZE, Gilles, *Sobre a diferença da ética em relação à moral*. //r: ESPINOSA: Filosofia da prática. São Paulo: Escuta, 2000. p. 23-36.

ela implica pessoas negras a encarar a dolorida contradição imposta às suas subjetividades. A esse respeito, contribui a historiadora Janira Sodré Miranda (2023, p. 103), ao sugerir que a “intertextualidade entre história e psicanálise” incide na leitura de Beatriz Nascimento, “tanto por um olhar sobre a violência racial infligida no cotidiano, quanto na própria internalização do incômodo racial pela pessoa negra”.

O que foi detalhado pela psicanalista Neusa Santos Souza, sobre um dos efeitos do racismo para a emocionalidade das pessoas negras é a internalização da fantasia de superioridade branca e inferioridade negra. Isso porque o ideal de ego²⁵, instância psíquica que informa sobre o modelo ideal a ser perseguido pelo sujeito, numa sociedade racista, é branco. Em termos relacionais, não é demasiado mencionar que um dos efeitos do racismo para as subjetividades de pessoas brancas é a internalização da fantasia de superioridade. Aqui, tratando-se das experiências negras, é nas interações recíprocas entre o imaginário social racista e o funcionamento psíquico que a fantasia negra de inferioridade se estabelece:

Ser o melhor! Na realidade, na fantasia, para se afirmar, para minimizar, compensar o “defeito”, para ser aceito. Ser o melhor, dado unânime em todas as histórias de vida. Para o negro, entretanto, ser o melhor, a despeito de tudo, não lhe garante o êxito, a consecução do ideal. É que o ideal do negro, que é grande parte constituído pelos ideais dominantes, é branco. E ser branco lhe é impossível. Dilacerante, crua, cruenta descoberta (Souza, 2021, p.71).

Vale mencionar que, na teoria psicanalítica, alcançar o ideal de ego é uma tarefa inatingível para todas as pessoas. Tratando-se das pessoas negras entrevistadas em sua pesquisa, Neusa Santos Souza considerou que a relação entre o ego e o ideal de ego era vivida sob o signo da tensão racial, uma vez que

²⁵ Ideal de ego ou ideal de eu, expressão usada por Freud no quadro de sua segunda teoria do aparelho psíquico, para informar sobre a instância da personalidade resultante da convergência do narcisismo (idealização do ego) e das identificações com os pais, com seus substitutos e com ideais coletivos. Diz respeito às identificações. Em termos metapsicológicos, o ideal do ego e as interdições culturais, associadas ao superego, têm íntima relação, sendo que o superego corresponde à autoridade e o ideal de ego à forma como o sujeito deve comportar-se para corresponder às expectativas. Para mais detalhes, conferir: LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. *Vocabulário de psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2022

o superego²⁶ “bombardeia o ego com incessantes exigências para atingir um ideal inalcançável” (Souza, 2021, p. 70). Os efeitos desse funcionamento psíquico são materializados pela persistência de sentimentos de culpa, ansiedade e angústia que se expressam por meio da autodesvalorização, timidez, retraimento e ansiedade fóbica (Souza, 2021, p. 73). Nessa perspectiva, Souza (2021, p. 77) indica como condição de cura para pessoas negras, ou seja, o deslocamento dessa posição subjetiva, a construção de “um novo ideal do ego que lhe configure um rosto próprio, que encarne seus valores e interesses, que tenha como referência e perspectiva a história.”

Em convergência com essa abordagem, que, em 1982, Beatriz Nascimento refletiu sobre os seus processos de internalização, bem como as possibilidades de deslocamento dessa posição subjetiva:

Em inícios de abril deste ano procurei um psicanalista [...] procurei esse analista por ser um amigo e lhe expus todos os problemas que sentia em função da discriminação racial. Discutindo os aspectos psíquicos do preconceito do indivíduo discriminado, em mim particularmente. A certa altura meu amigo fez uma interpretação que achei interessante, e que passei a refletir profundamente, como um achado. Perguntou-me até que ponto o “negro” a que me referia não era mais discriminado por eu mesma; se ele não era maior dentro de mim. Se a criatura rejeitada, agredida, infeliz, não estava sofrendo tudo isso de mim. Em suas palavras – “até que ponto não havia internalizado a discriminação da qual me queixava”? Ressalte-se que ele não negava a discriminação vinda de fora, da sociedade, não atenuava o que eu sofria vinda dos brancos. “Mas argumentava ele, eu não estaria também agredindo muito, justamente o ‘negro dentro de mim?’ ” [...] [que] brilhantes os analistas! Ele tinha toda razão quanto ao meu “negro interno”. Afinal, eu fora educada, ascendi de classe não para ser negra, mas para me “igualar ao branco”, não para ser gente, mas para o “branco me aceitar”, “para poder entrar nos lugares que negro não entra (embora não seja proibido)”, para ser “exemplar” que daria a medida certa da harmonia das raças no Brasil (Nascimento, 2018, p. 241-243).

Aqui, diferentemente da intervenção narrada na entrevista dada a Haroldo Costa no mesmo ano, quando descreve o *desmentido* na prática do analista,

²⁶ Superego ou supereu, conceito criado por Freud para designar uma das três instâncias da chamada segunda tópica teórica, juntamente com o eu e o isso. O superego mergulha suas raízes no isso (que a primeira tópica teórica Freud definiu como ID) e, de maneira implacável, exerce as funções de juiz e censor em relação ao ego. (Roudinesco; Plon, 1998, p. 744).

Nascimento destaca que este analista “ não negava a discriminação vinda de fora, da sociedade, não atenuava o que eu sofria vinda dos brancos”. Assim, partindo dessa abordagem, ele a implicou no processo de internalização do ideal de eu branco. A imagem “negro interno” expressa como, no seu processo de socialização racial, especialmente relacionado à ascensão de classe, Nascimento “foi educada” “não para ser negra, mas para me igualar ao branco”, “não para ser gente, mas para o branco me aceitar” e “poder entrar nos lugares que negro não entra”.

Nesse sentido, o pensar e o sentir como negra sugerem entrar em contato com as condições que favoreceram a internalização do ideal de eu branco e os sentimentos correlatos desse processo que, conforme detalhou Neusa Santos Souza, implica o saber-se negra que inclui simultaneamente o reconhecimento de duas dimensões articuladas: as condições históricas que inventaram a fantasia de inferioridade e a necessidade de investimento libidinal nas potencialidades, descrito nos seguintes termos:

Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas também, e sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades (Souza, 2021, p. 46).

As análises sofisticadas sobre as conexões entre história e psicanálise por meio da perspectiva antirracista, empreendidas por Beatriz Nascimento e Neusa Santos Souza, favorecem pensar sobre a prática historiográfica que, no seu fazer individual e coletivo, reproduz vieses racistas latentes ou explícitos, quando angulados pelas fantasias de inferioridade negra e superioridade branca. Como não há separação entre o pensar, sentir e o fazer, esta perspectiva historiográfica materializa-se pela insistência de tomar como modelos únicos e hegemônicos meia dúzia de homens brancos do norte global. A questão, como apontam as produções de Beatriz Nascimento e Neusa Santos Souza, não é o uso dessas teorias, mas a posição subjetiva que, ao invés do estabelecimento do diálogo, sublinha uma submissão epistêmica. O que, parafraseando Lélia Gonzalez, informa sobre o racismo como uma *neurose* acadêmica brasileira.

Beatriz Nascimento e Neusa Santos Souza, como parte da intelectualidade negra brasileira que produziu conhecimento entre as décadas de 1970 e 1980, desafiaram a abordagem de que o racismo se explica exclusivamente como um epifenômeno da assimetria de classe, tornando visível que sua estrutura afeta a psique individual e coletiva, gerando mecanismos de racionalização, esquecimento e recalçamento. Suas análises inscrevem-se em uma longa tradição de intelectuais negras e negros da diáspora, cujas pesquisas focalizam os impactos do racismo nos processos de subjetivação, articulando problemas oriundos das ciências sociais ao campo *psi* (psiquiatria, psicologia e psicanálise).

No que tange às confluências entre história e psicanálise, os percursos teóricos dessas intelectuais exploram como dimensões inconscientes influem na reprodução do racismo, bem como indicam que a necessidade que desalienação racial seja um percurso a ser realizado por todas as pessoas e não apenas por aquelas racializadas como negras. Por meio de suas provocações, é possível sugerir que as convergências entre história e psicanálise, quando implicadas com o antirracismo, abrem outras possibilidades de simbolização sobre o passado, alargando nossos horizontes sobre as complexidades que envolvem os processos de racialização e suas as implicações afetivas.

Referências

AMBRA, Pedro. O lugar e a fala: a psicanálise contra o racismo em Lélia Gonzalez. **Sig. Revista de psicanálise**, [s. l.], v. 8, n. 14, p. 85-101, 2019.

ASSUNÇÃO, Marcelo, Felisberto Moraes; TRAPP, Raphael. É possível (in) disciplinar o cânone da história da historiografia brasileira? Pensamento afrodiaspórico e (re) escrita da história em Beatriz Nascimento e Clóvis Moura. **Rev. Bras. Hist.**, São Paulo, v. 41, n. 88, p. 229-252, set./dez. 2021.

BARRETO, Raquel. Introdução. In: NASCIMENTO, Beatriz. **Beatriz Nascimento, quilombola e intelectual**: possibilidades no dia da destruição. [S. l.]: Editora Filhos da África, 2018. p. 26-39.

BICUDO, Virgínia Leone. Contribuição para a história do desenvolvimento da psicanálise em São Paulo. **Arquivos de neuropsiquiatria**, São Paulo, v. VI, n. 1, p. 69-72, 1948.

“Eu sou preta, penso e sinto assim”: história e psicanálise nas confluências teóricas de Beatriz Nascimento e Neusa Santos Souza
Mariléa de Almeida

BICUDO, Virginia Leone. Incidência da realidade social no trabalho analítico. *J. psicanal.*, São Paulo, v. 52, n. 97, p. 151-174, 2019.

BICUDO, Virgínia Leone. **Estudo de atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo**. 1945. Dissertação (Mestrado em Ciência) – Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, São Paulo, 1945.

CÂMARA, Leonardo. A clínica do trauma e a mutualidade expressiva. *In*: CÂMARA, Leonarado. **Ferenczi e a psicanálise: corpo, expressão e impressão**. São Carlos: EdUFSCAR, 2021. p. 95-122.

CARNEIRO, Sueli. **O dispositivo da racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser**. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

DAVID, Emiliano; PASSOS, Rachel Gouveia; FAUSTINO, Deivison Mendes; TAVARES, Jeane Saska (orgs.). **Racismo, subjetividade e saúde mental: pioneirismo negro**. São Paulo: Hucitec, 2021.

FANON, Franz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERNANDES, Florestan. ***A integração do negro na sociedade de classes***. São Paulo: Contracorrente, 2021.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das Ciências Humanas**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. *In*: DREYFUS, Hubert Lederer; RABINOW, Paul. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. p. 231-249.

GAY Peter. As necessidades secretas do coração. *In*: GAY, Peter. **Freud para historiadores**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989. p. 25-49.

GONDAR, Jô. Ferenczi como pensador político. **Cadernos de Psicanálise – Circulo Psicanalítico do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, v. 34 n. 27, p. 193-210, 2012.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciência, Sociais Hoje.**, Brasília,DF: Anpocs, n. 2, p. 223-44, 1984.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. *In*: RIOS, Flávia; LIMA, Márcia (orgs.). **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios e intervenções**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. p. 127-138.

MBEMBE, Achile. **Crítica da razão negra**. Lisboa: Antígona, 2014.

McCLINTOCK, Anne. **Couro imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial**. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

“Eu sou preta, penso e sinto assim”: história e psicanálise nas confluências teóricas de Beatriz Nascimento e Neusa Santos Souza
Mariléa de Almeida

MIRANDA, Janira Sodré. Intelectual negra na história Atlântica: o projeto historiográfico de Beatriz Nascimento. **Revista Mosaico – Revista de História**, Goiânia, v. 16, n. 1, p. 95-107, 2023.

NASCIUTTI, Luiza Freire. **Tornar-se Neusa**: raça, memória e subjetividade a partir da trajetória e obra de Neusa Santos Souza. 2024. Tese (Doutorado em Antropologia) – Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

NASCIMENTO, Beatriz. **Beatriz Nascimento, quilombola e intelectual**: Possibilidades no dia da destruição. São Paulo. Editora Filhos da África, 2018.

NASCIMENTO, Beatriz. Carta de Santa Catarina. *In*: RATTIS, Alex (org.). **Uma história feita por mãos negras**: Rio de Janeiro: Zahar, 2021. p. 221-230.

NOGUEIRA, Isildinha Baptista. **A cor do inconsciente**: significações do corpo negro. São Paulo: Perspectiva, 2021.

OLIVEIRA, Carmen Lucia Montechi Valladares de. Sob o discurso da “neutralidade”: as posições dos psicanalistas durante a ditadura militar. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 24, supl., p. 79-90, nov. 2017.

OLIVEIRA, Carmen Lucia Montechi Valladares de. Historiografia sobre o movimento psicanalítico no Brasil. **Rev. Latinoam. Psicop. Fund.**, São Paulo, v. 3, p. 44-153, 2002.

PINTO, Ana Flávia Magalhaes. **Escritos de liberdade**: literatos negros, racismo e cidadania no Brasil. Campinas: Editora da Unicamp, 2018.

RATTIS, Alex. Entre os corpos humanos e celestes: onde ela se ente bem? *In*: RATTIS, Alex; GOMES, Bethânia (orgs.). **Todas (as) distâncias**: poemas, aforismos e ensaios de Beatriz Nascimento. Salvador: Editora Ogum's Toque Negros, 2015. p. 119-134.

RATTIS, Alex; RIOS, Flávia. **Lélia Gonzalez**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

REGINALDO, Lucilene. Nossa história é outra, como é outra nossa problemática. **Afro-Ásia**, Salvador, n. 63, p. 597-607, 2021.

REIS, Rodrigo Ferreira dos. Ôrí e memória: o pensamento de Beatriz Nascimento. **Sankofa**, São Paulo, v. 12, n. 23, p. 9-24, 2020.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. Supereu. *In*: ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998 p. 744-746.

SANTOS, Joel Rufino. O movimento negro e a crise brasileira. **Política e administração**, Rio de Janeiro, v. 2, p. 285-308, jul./set. 1985.

SANTOS, Antonio Bispo. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora; Piseagrama, 2023.

“Eu sou preta, penso e sinto assim”: história e psicanálise nas confluências teóricas de Beatriz Nascimento e Neusa Santos Souza
Mariléa de Almeida

SANTOS, Luciano Gersen dos. **O índio brasileiro**: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil hoje. Brasília, DF: Ministério de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; Rio de Janeiro: LACED/Museu Nacional, 2006. (Coleção Educação Para Todos. Série Vias dos Saberes, 1.)

SILVA, Fernanda Oliveira da. Pensamento-ação de mulheres negras do sul do Brasil borrando os limites da história intelectual, da educação e do pós-abolição. **Educação**, [s. l.], v. 49, n. 1, p. 1-27, 2024.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

SOUZA, Neusa Santos. O estrangeiro: nossa condição. /n: SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021. p. 121-130.

TRAPP, Raphael Petry. **O elefante negro**: Eduardo de Oliveira e Oliveira; raça e pensamento social no Brasil. São Paulo: Alameda 2020.

TRAPP, Raphael Petry. Raça, corporeidade e subjetividade em Beatriz Nascimento e Eduardo de Oliveira e Oliveira. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, Ouro Preto, v. 16, n. 41, p. 1-22, 2023.

TOREZAN, Zeila C. Facci; AGUIAR, Fernando. O sujeito da psicanálise: particularidades na contemporaneidade. **Rev. Mal-Estar Subj.**, Fortaleza, v. 11, n. 2, p. 525-554, 2011.